



## A função diagnóstica da avaliação: uma atividade em construção

Ana Clara de Oliveira Melo<sup>1</sup>, Antonia Vanúzia Nunes da Silva Araújo<sup>1</sup>, Jorge Leandro Aquino de Queiroz<sup>2</sup>, Abigail Noádia Barbalho da Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Graduandas em Licenciatura em Química do IFRN - Campus Pau dos Ferros. Bolsistas do IFRN. e-mail: ana\_claraoliveira@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Licenciatura em Química do IFRN - Campus Pau dos Ferros. e-mail: jorgeleandroaq@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do IFRN - Campus Pau dos Ferros. e-mail: abigail.silva@ifrn.edu.br

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo investigar como professores de ciências naturais articulam a avaliação diagnóstica ao planejamento de ensino aprendizagem nas series finais do ensino fundamental. A pesquisa foi realizada por meio de questionário aplicado entre os docentes matriculados na 2ª licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática, do IFRN – campus Pau dos ferros e que atuam em escolas de Educação Básica da região. Os resultados da pesquisa apontam que 40% dos docentes aplicam algum instrumento avaliativo com função diagnóstica apenas no início do ano letivo, enquanto 60% aplicam no início de cada bimestre. Em relação ao conteúdo dessas avaliações, 60% se preocupam com a identificação de habilidades já construídas pelos alunos, enquanto os 40% restante concentram apenas nos conhecimentos conceituais dos educandos. Quanto ao uso dos dados da avaliação diagnóstica no planejamento de ensino e aprendizagem, apenas 40% faz uso frequente desses dados no seu planejamento. Os resultados indicam que há uma necessidade de não só discutir a importância da avaliação diagnóstica no processo de ensino e aprendizagem, mas de identificar elementos teórico-pedagógicos que orientem a sua aplicação articulada ao ato de planejar as ações educativas.

**Palavras-chave:** avaliação diagnóstica, ensino-aprendizagem, planejamento

### 1. INTRODUÇÃO

O ato de avaliar é uma das praticas mais antigas e consolidadas na cultura escolar. Essa atividade é realizada cotidianamente de diferentes modos e com múltiplos instrumentos avaliativos. Entretanto, a avaliação com função diagnóstica ainda é percebida apenas como meio de identificação dos conteúdos dominados pelos alunos e, assim, dentro dessa visão limitada, ela não se constitui alvo de constantes pesquisas e aperfeiçoamentos. Inserido numa dinâmica da pedagogia tradicional, o processo avaliativo assume os princípios dessa concepção, os quais se centram em seus aspectos quantitativos, traduzindo numericamente nas notas que compõem os diários de classe. Para Nagel (1986), no sistema tradicional de ensino, a avaliação assume o caráter excessivamente valorativo, seletivo e excludente das práticas avaliativas mais comuns nas escolas da sociedade atual. Assim como a sociedade moderna é pautada em critérios como certo, errado, verdadeiro, falso, a escola, muitas vezes, insere estes critérios em seus sistemas de avaliação.

Como podemos perceber, a avaliação é um processo que sempre se faz presente nos meios escolares e, ao longo da historia, tem sido usada de diferentes formas, com distintas funções, objetivos, metodologias e instrumentos. Sabe-se que ela possui três funções: a diagnóstica, que avalia quais os conhecimentos conceituais, atitudinais e procedimentais que os educandos dominam em uma determinada disciplina; a formativa, que ocorre dentro do desenvolvimento do ensino de uma unidade didática ou de um período letivo; e, a somativa, que acontece no final do processo de ensino e aprendizagem.

Levando-se em consideração essas funções existentes no processo avaliativo, esse trabalho traz como objeto de estudo a avaliação diagnóstica, procurando investigar de que maneira ela é realizada pelos docentes da área de Ciências naturais. A importância dessa investigação se deve ao fato de que a função diagnóstica não se presta à quantificação através de notas, mas procura identificar quais os desafios cognitivos, de conteúdos, de habilidades e competências que os educandos enfrentam e com



os quais os professores terão que lidar ao longo do ano letivo, no sentido de planejar suas ações pedagógicas de forma a superar as limitações apresentadas. Considerando a importância da função diagnóstica no processo de ensino-aprendizagem, e todas as complexidades que a permeiam, acreditamos que identificar e analisar a forma como ela vem sendo utilizada pelos professores, pode trazer importantes contribuições e elementos de reflexão para a prática pedagógica.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

O procedimento metodológico adotado foi a pesquisa de campo, por meio de um estudo exploratório de cunho quantitativo. A pesquisa foi realizada junto à turma de 2ª Licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática ofertada pelo PARFOR em parceria com o IFRN campus Pau dos Ferros. A turma é composta de vinte e um alunos procedentes de diversas áreas de formação e que já atuam na Educação Básica, como professores de ciências naturais. Dentre esses docentes, apenas um atua em sua área de formação. A aplicação do questionário foi realizada no mês de julho de 2012, dentre aqueles docentes que lecionam ou lecionaram Ciências Naturais no ensino fundamental II.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário com perguntas objetivas, aplicado aos professores. O questionário foi composto de onze questões que procuravam identificar desde a concepção que os professores possuíam da avaliação diagnóstica, como a importância, período e instrumentos que utilizavam na sua elaboração. Dentre essas questões, tomamos como foco de nossas análises três que consideramos relevantes: primeiro, a que identifica a frequência com que os professores realizam a avaliação diagnóstica; segundo, qual a parte mais importante que os professores consideram ao elaborar a avaliação diagnóstica (habilidades e competências, conteúdos, o grau de dificuldade que os alunos têm em relação à aprendizagem da disciplina etc.); e, terceiro, se a avaliação diagnóstica é considerada na reelaboração do planejamento de ensino e aprendizagem. Os dados coletados foram analisados quantitativamente e confrontados com o referencial teórico a respeito do tema.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na pesquisa realizada, uma das questões apresentadas foi sobre a frequência com que os professores realizam a avaliação diagnóstica. A resposta obtida foi de que 40% dos professores investigados realizam a avaliação diagnóstica apenas no início do ano. Os demais ora realizam no início de cada bimestre ora no início do semestre. Pode-se verificar que, embora a maior parte (60%) dos professores aplique com frequência a avaliação diagnóstica, para uma parcela significativa (40%), a avaliação diagnóstica é compreendida por esses professores de forma solta e desarticulada do processo de ensino e aprendizagem em sua totalidade. A aplicação apenas no início do ano é uma formalidade muitas vezes exigida pelo sistema de ensino. Se essa aplicação é realizada apenas como formalidade, toda a construção de conhecimento a ser elaborada pelos alunos poderá ser prejudicada, por não atender às necessidades cognitivas e de conhecimento dos educandos.

Essa prática não é recomendada pelos pesquisadores dos processos de avaliação, como Haydt (2000), que diz que

Não é apenas no início de cada período letivo que se realiza a avaliação diagnóstica. No início de cada unidade de ensino, é recomendável que o professor verifique quais as informações que seus alunos já têm sobre o assunto, e que habilidades apresentam para dominar o conteúdo. Isso facilita o desenvolvimento da unidade e ajuda a garantir a eficácia do processo ensino-aprendizagem (HAYDT, 2000, p.20).

Por outro lado, o processo de desarticulação da avaliação diagnóstica com os demais aspectos educativos mostra que há uma necessidade de se compreender que a ação docente não ocorre num vazio pedagógico. Ela vem articulada, de uma forma ou de outra, com o referencial teórico-metodológico que o professor adota para sua prática. Por essa razão, é importante que o professor esteja consciente de sua escolha pedagógica. Luckesi (2002) destaca que:



Para que a avaliação diagnóstica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica [...] a avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe de uma forma solta e isolada. É condição de sua existência a articulação com uma concepção pedagógica progressista (Luckesi, 2002, p. 82.).

Assim, para o autor, a avaliação diagnóstica ela deve vir articulada a uma proposta pedagógica que visa transformar uma realidade que está diante do docente como desafio ao seu trabalho.

Outra questão abordada é sobre os elementos que os professores procuravam identificar nos seus alunos ao realizar uma avaliação diagnóstica. Em relação a esse aspecto, 60% dos professores afirmaram que o viam como uma forma de conhecer as habilidades e competências já construídas pelos alunos. Os demais entrevistados afirmaram utilizá-la para constatar os conteúdos que já haviam assimilado no ano anterior assim como o grau de dificuldade atribuído à aprendizagem da disciplina e as razões que levam a essa dificuldade.

Haydt (2000) diz que além de identificar a presença ou ausência de pré-requisitos para as novas aprendizagens, a avaliação diagnóstica tem como outro propósito “[...] identificar as dificuldades de aprendizagem, tentando discriminar e caracterizar suas possíveis causas” (HAYDT, 1998, p.23). Nesse aspecto é muito importante que haja múltiplos instrumentos avaliativos, incluindo procedimentos orais estimulados pelo docente para conhecer os diferentes posicionamentos que existem em sala de aula.

O grande problema evidente é uma cultura de “avaliação classificatória”, que está tão enrustida na metodologia das avaliações escolares que muitos as consideram apenas como um instrumento para atribuição de notas, e não como uma ferramenta para análise e orientação. A avaliação é um processo contínuo e dinâmico, que orienta o planejamento e atuação do professor. Nas palavras de Fernandes e Freitas (2007): “Avaliar a aprendizagem do estudante não começa e muito menos termina quando atribuímos uma nota à aprendizagem.” (p. 19).

Segundo Luckesi (2000), pode-se dizer que a escola atual, de um modo geral, não avalia a aprendizagem dos estudantes, mas sim a examina. Para ele, o sistema avaliativo mais utilizado pelas escolas atualmente se configura como um exame, pois tem as seguintes características: é pontual, interessando-se apenas pelo momento de realização do teste e não levando em consideração todo o desenvolvimento escolar do aluno; classificatória, pois segrega os alunos em escalas de zero a dez e é excludente, privilegiando os alunos que atingem os melhores resultados. Para Luckesi, a avaliação é o oposto da atividade de exame, pois é não pontual, diagnóstica e inclusiva.

Assim percebe-se que a concepção fragmentada da avaliação assumida pelos professores reduz a eficiência desta, uma vez que o principal objetivo das atividades diagnósticas é acompanhar o desenvolvimento e os entraves para o processo de ensino-aprendizagem.

Com esse processo fragmentado perde-se a principal utilidade da avaliação diagnóstica: identificar áreas que demandem mais atenção e guiar o planejamento das atividades escolares. As respostas revelaram que os professores nem sempre utilizam os dados desta avaliação inicial no planejamento de suas atividades: apenas 40% deles disse fazer uso frequente destes dados no seu planejamento, enquanto a maioria (60%) não leva em consideração esses dados.

Essa questão mantém estreita relação com o modo pelo qual o professor vê sua turma de alunos. Um aspecto importante nesse sentido é considerar a existência de classes heterogêneas nas escolas, nas quais o nível de conhecimento pode variar de aluno para aluno em uma mesma série. Diferenças cognitivas, por exemplo, fazem com que alguns alunos aprendam mais rapidamente que os outros. Também alguns deles têm mais facilidade de reter o que foi aprendido, enquanto outros esquecem rapidamente. É por meio dessa avaliação inicial, com função diagnóstica, que o professor vai verificar se seus alunos apresentam ou não as habilidades e os conhecimentos prévios necessários para as novas aprendizagens. A avaliação diagnóstica, somada a um planejamento focado nos resultados deste diagnóstico pode ser muito útil em situações como essas, já que é possível acompanhar o desenvolvimento de cada aluno na disciplina.

#### 4. CONCLUSÃO



Nesse trabalho foi investigada a forma como os professores trabalham com a avaliação diagnóstica em suas turmas de alunos. Para isso, foi aplicado um questionário com professores do ensino básico a respeito de como a avaliação diagnóstica está presente em seu cotidiano escolar. A partir das respostas dos professores, pôde-se estabelecer uma relação entre as práticas adotadas nas escolas com as recomendações e pesquisas de estudiosos dos processos de avaliação.

As constatações obtidas através desta comparação mostraram que há um descompasso entre os objetivos das atividades avaliativas com função diagnóstica e as práticas adotadas pelos docentes, tanto no que diz respeito à frequência com que se aplicam essas avaliações, como no conteúdo desses instrumentos e a utilização desses elementos no planejamento de ensino e aprendizagem.

Desta forma pode-se concluir que a avaliação diagnóstica, embora seja utilizada pelo grupo de professores estudado, não atinge todas as suas potencialidades, uma vez que se constitui de um ato isolado, e não integrado do planejamento e desenvolvimento do curso.

As atividades de caráter diagnóstico mostram-se como excelentes instrumentos para uma avaliação e aproximação inicial entre professor, alunos e os conteúdos abordados na disciplina, entretanto, as respostas fornecidas pelos professores demonstraram que estes têm uma concepção fragmentada do processo avaliativo, o que pode influenciar o processo de ensino e aprendizagem no sentido de não alcançar os objetivos propostos.

#### **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte pelo suporte e apoio financeiro para a essa pesquisa, através de sua Base de Pesquisa Parênklisis – Campus Pau dos Ferros/RN.

#### **REFERÊNCIAS**

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag5.pdf>>, acesso em 03 jul 2012.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

LUCKESI, Cipriano. **Entrevista sobre Avaliação da aprendizagem, concedida ao Jornal do Brasil e publicada no dia 21/07/00**. Jornal do Brasil, 21 jul 2000.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2002

NAGEL, L. H. **Avaliação, sociedade e escola: fundamentos para reflexão**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 1986.